

RESENHA

“Sim, a literatura educa”

Ângela de Almeida Carvalho¹
Suzana de Almeida Silva²

Introdução

“Sim, a literatura educa” é o nome de um texto da autora Regina Zilberman, inserido no livro *Literatura e pedagogia: ponto & contraponto*, realizado em parceria com Ezequiel Theodoro da Silva e publicado em 2008. O título nos convida a acreditar em poucas palavras o que a autora pretende demonstrar ao longo do texto, a saber, o caráter pedagógico da literatura considerando que esta não se limita a uma educação apenas didática, mas consiste numa educação de mundo.

No mundo, o uso da literatura como subsídio para o ensino tem longa data. Regina Zilberman faz uma reflexão histórica sobre o assunto ao analisar a importância do teatro para os gregos, onde as tragédias gregas principiavam a educação moral e social dos indivíduos. Com isso, a literatura serviria para educar e cumpriria ainda seu papel primordial, o de educar culturalmente os indivíduos.

¹ Pós-graduanda do curso de especialização em Literatura brasileira: formação do cânone e contrapontos críticos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: angelakarvalho@gmail.com

² Graduada em Letras Vernáculas pela UNEB. E-mail: suzana_almeida2011@hotmail.com

Nos primórdios de sua existência, a literatura era concebida para divertir e educar. Ao abordar tal aspecto, Zilberman conduz o leitor para a sociedade ateniense no século VI a.C., e afirma que um modernizador desta sociedade usava a literatura como um bem educativo, realizando concursos de declamação de epopeias e, desta forma, oferecia ao povo padrões de identificação ao se deparar com a história de seu passado, além de transmitir ao público padrões de relacionamento com o coletivo. Esse caráter de educação voltada para o social também acontecia na Antiguidade, em especial entre os gregos, para quem a literatura na sua forma social, principalmente poemas épicos ou dramáticos, era capaz de reprimir o individualismo exacerbado, fazendo-o entender que o coletivo estava acima de si. Por outro lado, como forma pessoal, a literaturinha a função de fortalecer o ideal de herói, evidenciando suas qualidades físicas e morais. Compreendendo tais dimensões, verifica-se que a literatura nesta época atendia aos interesses do Estado, pois reforçava os ideais democráticos, os quais ele procurava conservar.

Zilberman continua a nos mostrar um panorama do uso da literatura no ensino, segue apresentando a realidade da Renascença, ressaltando que nesta fase a literatura perdeu o caráter comunitário e a leitura passou a ser uma atividade mais particular, enfraquecendo a recepção desejada pelo Estado. O que acontece de transformador neste cenário é a passagem da educação para uma entidade, que é a escola, gerando o trabalho de ensino.

Talvez esteja aí a raiz de todas as dificuldades enfrentadas hoje pela literatura, em se afirmar como uma atividade significativa dentro e fora da sala de aula. Ao passar de uma atividade livre de busca de identidade, para uma atividade sob a responsabilidade de uma instituição educacional, a leitura literária perdeu parte de seu caráter de fluidez de educação pessoal e social e passou a servir ao ensino da Gramática e da Lógica. Mesmo com tal finalidade, a literatura passou a ser uma arte superior por ser uma das poucas a entrar na escola, e isso se dá em função de ser a arte que faz uso da língua; desta forma, asua difusão fortalecia o Estado burguês, que eleguia língua dos poetas como nacional, em função de seu prestígio.

O que Zilberman (2008, p. 22) diz a respeito da função da literatura na atualidade é que a mesma não é “mais a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor”. Para tanto, é necessário que a relação do leitor com a literatura seja uma experiência única e não o resultado de um processo de alfabetização e de decodificação.

Recentes trabalhos e palestras nos mostram um novo olhar sobre o tema leitura, deixando em alguns casos de ser vista como um mero mecanismo de decodificação das páginas impressas, para ser vista como possibilidade de libertação, de soltura das amarras do cotidiano e, conseqüentemente, de um olhar diferente sobre as coisas, possibilitando a leitura de mundo, a leitura sem as palavras, isto é, a construção de significados através do conhecimento construído durante a trajetória de formação humana.

A leitura literária vista nesta vertente de fluidez, mostra-se como um passaporte para um mundo de significado e (re) significado, e deve ser inserida na vida do leitor desde muito cedo para um bom desenvolvimento das capacidades criativas e críticas no decorrer de sua formação, desde a infância, uma vez que, como assinalam Aguiar e Bordini (1988, p. 11), “todas as pessoas, desde a infância, são, portanto, leitoras em formação, uma vez que estão constantemente atribuindo sentidos às mais diversas manifestações da natureza e da cultura”.

Maria Dinorah faz uma reflexão a respeito da formação do leitor no trabalho *O livro infantil e a formação do leitor*, escrito em 1995, e traz uma informação pertinente, baseada em estatísticas internacionais:

Forma-se o leitor mais ou menos até os quatorze anos de idade, num processo que deveria ter raízes no lar, onde a criança, desde os primeiros meses, tivesse chance de conviver com a magia das histórias, lendas e poesias, narradas pelos pais, e com livros adequados a esta fase (DINORAH, 1995, p. 18).

Desta forma, percebe-se que o processo de formação do leitor deve ter início cedo, com raízes no seio familiar, ligado assim a afetividade à

liberdade, pois, como considera Dinorah, essa é uma possível pedagogia para se formar o leitor, relacionando a leitura com o afeto e com isso a criança leitora encontra nela uma extensão do prazer do seu ambiente familiar, com fluidez e sem cobranças.

O pensador Proust, em *Sobre a leitura* (2003, p. 9), reflete sobre a importância da literatura em sua formação, de maneira consciente e madura, concebendo-a como um lugar de extremo prazer:

Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido. Era como se tudo aquilo que para os outros os transformava em dias cheios, nós desprezássemos como um obstáculo vulgar a um prazer divino: o convite de um amigo para um jogo exatamente na passagem mais interessante...

É desta forma, portanto, que o contato com a leitura literária deve ser sentido, como ambiente de fluidez, de diversão e, acima de tudo, de construção intelectual.

Sobre esta característica da literatura, em transportar o leitor/ouvinte para realidades diversas da sua por meio da fantasia, e como este se coloca neste jogo de alteridade, Zilberman (2008, p. 23) nos afirma:

Dúbia, a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê.

Pode-se dizer que com a leitura literária o indivíduo aprende, e aprende mesmo, a ler (nas linhas e entrelinhas), a escrever (gramaticalmente e literariamente) e a interpretar (o explícito e o implícito). Assim considerando, a escola deveria enxergar a literatura como uma aliada que não se fecha ao fechar-se o livro, mas que possui um leque de possibilidades, interpretativas e educacionais, isso porque, como afirma Dinorah (1995,

p. 20), “é através do texto literário que a criança desenvolve suas ideias e entende a gramática da língua, um suporte técnico da linguagem”, que vai ser apreendida, então, de maneira despreziosa e indireta, o que não acontece se o movimento for inverso, pois estudar a gramática, a leitura (das palavras) e a interpretação superficial, encerrando-se aí, não terá como resultado um cidadão que saiba pensar.

Zilberman (2008, p. 23) compreende a literatura como uma atividade que possui um grande potencial e se mostra como uma ferramenta bastante completa, tanto para a vida do indivíduo no sentido particular, como para sua inserção no meio social.

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, na medida em que permite ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação, mas decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo.

Ao dizer que a literatura dá suporte para o domínio de diferentes áreas, tanto criativas quanto práticas, e sabendo que na sociedade atual o homem tem a necessidade ou quase obrigação de estar sempre bem informado, atento às mudanças diárias do mundo contemporâneo para nele participar ativamente, acredita-se que a leitura seja uma ferramenta primordial para o alcance deste propósito, pois como afirma Martins (1994, p. 25) “a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo”. Assim, acredita-se que com a prática da leitura, o homem garanta a sua inserção numa sociedade que hoje se mostraseada no código escrito e, conseqüentemente, na leitura destes códigos.

Isso é possível, devido à riqueza polissêmica da literatura, que se configura como um campo livre, diferente do que ocorre em outros textos,

que na sua maioria possui uma finalidade única e que se mantém preso às amarras do cotidiano, não deixando margem livre para a movimentação do imaginário do leitor.

Sabendo disto, pode-se afirmar que o ensino da literatura deve acontecer priorizando-se a própria natureza do texto literário, de liberdade e fluidez, sendo esta sua divergência primordial do texto técnico, de constituição livre e polissêmica em temas, não se prendendo a passar uma informação única e acabada. Essa característica da literatura devia ser a mais explorada, aproveitando-se sua pluralidade temática para relacioná-la com outras áreas, com outras disciplinas, numa interação que explore todas as possibilidades possíveis do texto.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

DINORAH, Maria. *O livro infantil e a formação do leitor*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Literatura e pedagogia: ponto & contraponto*. 2. ed. São Paulo: Global; Campinas: ALD – Associação de Leitura de Brasil, 2008.

*Recebido em: 20 de março de 2016.
Aprovado em: 09 de junho de 2016.*